



A ÚLTIMA JANELA

Ninguém sabe o som exato do silêncio quando o último elevador orbital fecha as portas. Alguns dizem que é o mesmo som que se ouve no útero — abafado, quente, infinito. Outros, como ela, acreditam que o silêncio não tem som, mas peso. E há silêncios que pesam como um planeta.

Ela ficou. Não por heroísmo, nem por medo. Ficou porque havia algo nela que se parecia mais com a Terra do que com as estrelas.

Capítulo 1 – Ruído de Fundo

A cidade acordava todos os dias, mesmo sem gente. Os sensores das ruas ainda simulavam semáforos, as luzes dos prédios piscavam obedientes a programações antigas, e os drones de patrulha faziam suas rotas, cegos e fiéis. Mas não havia ninguém para atravessar a rua, para acender a luz de casa, para ser patrulado.

Ela chamava-se Ana Mirella — ou talvez apenas Mirella, como preferia desde que os sobrenomes perderam o sentido. Andava sozinha pelas ruas cobertas de pó vermelho, resquício da última tempestade de areia global. Vestia um casaco pesado, mais por costume do que por necessidade: os sistemas climáticos ainda funcionavam, mas o frio era uma boa lembrança de que o tempo passava.

Sua casa era uma torre baixa, envidraçada, no que antes fora o bairro Jardim Água Boa, em Dourados (o maior bairro da cidade). Agora chamava apenas de **Setor 7**, uma das poucas zonas com energia e rede mínima. Os andares superiores estavam lacrados. Ela vivia no segundo andar, onde a vista não revelava o quanto o mundo havia se tornado vazio.

Todas as manhãs, sentava-se diante de uma janela oval e escrevia no que chamava de “**diário de ecos**”. Um caderno físico — papel mesmo — que encontrara numa biblioteca desativada.

“Hoje sonhei com vozes. Não sei se eram da memória ou de outra camada do tempo. Senti saudade de alguém que talvez nem tenha existido.”

Ela fechava o caderno com cuidado. Do lado de fora, o céu estava limpo, limpo demais. Desde que as colônias espaciais se tornaram o novo lar da humanidade, a Terra parecia se curar — mas havia algo de artificial nessa paz.

Um dia, ela acordou com um som diferente. Um som que não vinha dos sistemas, nem das tempestades, nem dos seus sonhos: passos.



Alguém, ou algo, estava ali. Pela primeira vez em anos.

Capítulo 2 – A Frequência do Desconhecido

O som não era um erro de sistema. Mirella sabia distinguir entre falhas mecânicas e aquilo que apenas a vida produz: hesitação.

Os passos vinham do térreo, pausados, cuidadosos, quase tímidos. Ela permaneceu imóvel, a respiração presa em algum ponto entre o pescoço e o peito. Os drones não reagiram. Isso a inquietou ainda mais — se fosse algo comum, os sensores teriam disparado. Mas eles seguiram em silêncio, como se não percebessem nada.

Ela pegou sua lanterna térmica e desceu. As escadas cheiravam a ferrugem e mofo, como sempre. O corredor do térreo, porém, carregava algo novo: um leve aroma de poeira agitada, como se alguém tivesse acabado de passar por ali. Seus olhos varreram cada canto. Nada.

Até que viu.

Não uma pessoa.

Um objeto.

Sobre o chão, próximo à porta de entrada, repousava uma pequena caixa metálica, com inscrições antigas — talvez russas, ou apenas algum código técnico esquecido. Mirella se ajoelhou com cautela. A caixa parecia recente demais para ser resquício de antes da migração.

Ela a tocou. Estava quente.

Não havia identificação. Nenhum selo de origem, nenhum rastreador visível. Mirella a levou para cima, os passos duros ecoando nas paredes ocadas do edifício.

Na segurança do seu quarto, conectou a caixa ao antigo painel de interface universal que ela mesma havia reparado. O visor piscou. Linhas de código correram como nervos despertando.

USUÁRIO DETECTADO

INICIALIZANDO INTERFACE DE MEMÓRIA REPLICADA

IDENTIDADE: VÁCUO 001

Ela franziu o cenho.



— "Vácuo?", murmurou.

Uma luz azulada envolveu o quarto. A caixa emitiu um zumbido baixo e então, como se desabrochasse, projetou a imagem de uma figura humana. Não era uma gravação. Era algo entre holograma e reconstrução neural. Os olhos da figura eram vazios, sem cor, mas o rosto... o rosto era familiar.

Ela reconheceu.

Mesmo que fosse impossível.

Era Heitor.

Ele havia partido. Anos atrás. Fora um dos primeiros a subir — ela o ajudou a empacotar as coisas, jurando que um dia se encontrariam “lá em cima”. Mas ela nunca foi. E ele nunca voltou.

Agora ele estava ali — ou algo dele — parado diante dela.

— "Você ficou", disse a figura.

Mirella não respondeu. Não imediatamente.

— "Você também?", ela perguntou, a voz fraca, mas firme.

— "Não", respondeu ele. "Mas parte de mim... nunca partiu."

E então, o holograma piscou. A caixa chiou. Algo estava errado.

FALHA DE ENERGIA IMINENTE. MEMÓRIA EM PROCESSO DE DEGRADAÇÃO.

A figura de Heitor tremeluzia.

— "Por que você voltou?", ela perguntou.

— "Não voltei. Você me chamou."

Silêncio.

3% DE DADOS RESTANTES.

— "Heitor... você... ainda sente falta?"

A imagem respondeu sem som. Apenas um olhar, profundo e vazio. Em seguida, a luz se apagou. A sala ficou escura. A caixa esquentou mais uma vez... e então morreu.



Mirella ficou ali, imóvel. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu medo — não do que estava lá fora, mas do que ainda habitava dentro.

Capítulo 3 – Ecos no Salto de Memória

Na manhã seguinte, o mundo parecia menor. Não pela arquitetura ou pelo horizonte, mas pela sensação claustrofóbica que se instala quando a realidade começa a parecer irreal.

Mirella acordou sem ter dormido. Passou a noite em vigília, sentada ao lado da caixa silenciosa, como quem vela por um corpo que não se sabe se está morto ou apenas adormecido. O rosto projetado de Heitor continuava em sua mente — os traços idênticos, o modo como falava, até o pequeno desvio no canto da sobrancelha esquerda. Aquilo não podia ser aleatório.

Ela decidiu investigar.

Se havia recebido aquele objeto, alguém — ou algo — ainda a considerava parte de uma rede. E se parte de Heitor havia retornado, talvez houvesse mais fragmentos perdidos espalhados pelo planeta, ou mesmo... ocultos dentro dela.

Ligou o terminal de varredura. Um mapa rudimentar da cidade se formou na tela. A maioria das zonas estava marcada como inativa. Mas havia um ponto pulsando, a mais de 23 quilômetros, na antiga área da Universidade Federal, hoje conhecida apenas como **Zona Escura 11**. Local proibido. Sem rede. Sem manutenção. E sem vida — ao menos oficialmente. O local também abrigava o que havia sido o único aeroporto da cidade, desativado há muitas décadas.

Ela hesitou. Ir até lá significava cruzar áreas sem cobertura, onde a própria atmosfera era incerta, onde praticamente não havia sistema algum de transporte, não mais. Mas havia uma coisa mais perigosa do que os vazios: a possibilidade de resposta.

Com a mochila ajustada, a caixa guardada e uma arma de pulso carregada — uma relíquia de uso civil —, Mirella partiu.

O caminho era silencioso, exceto pelos sons dos próprios passos sobre as placas rachadas das antigas ruas e avenidas. De vez em quando, torres de transmissão surgiam no horizonte, como ossos de titãs soterrados, lembrando que aquilo já fora uma cidade viva.

Ao se aproximar da Zona Escura 11, os sensores de campo começaram a falhar. A navegação caiu. A luz do céu parecia mais cinza, como se os próprios fótons hesitassem em atravessar aquele espaço.

E então, ela chegou.

O antigo prédio da universidade ainda estava de pé, coberto de musgo tecnológico — placas que absorviam energia solar mesmo sem ninguém para usá-la. As portas estavam abertas. Não arrombadas — abertas, como se esperassem.



Dentro, as paredes estavam cobertas por espelhos quebrados e telas que piscavam intermitentes, alimentadas por uma fonte invisível. Mas o que chamou atenção foi o som.

Um ruído de fundo, quase imperceptível, como uma gravação rodando em loop — e entre as quebras, uma voz.

— "Mirella... Mirella... você ainda está aí?"

O corpo dela congelou. A voz não era de Heitor.

Era a dela.

Mas não como ela se lembrava. Era mais jovem, mais confiante, quase arrogante. Uma gravação de si mesma. Como? Quando? Por quê?

Seguiu o som até uma sala circular, onde um antigo terminal de backup exibia a frase:

PROJETO: JANELA C.01

ARMAZENAMENTO DE CONSCIÊNCIA PARCIAL

STATUS: FALHA DE REINTEGRAÇÃO. FRAGMENTO ISOLADO.

Mirella recuou um passo.

— "Você voltou", disse a voz — agora clara, saindo do alto-falante central.

— "Nunca imaginei que voltaria a me ver... assim."

— "O que é isso?", ela murmurou.

— "Sou você. Ou... parte de você. O que você deixou aqui quando decidiu ficar."

Um eco. Um pedaço da sua mente. Um fragmento de consciência, armazenado no início da crise, quando os primeiros testes de duplicação neural começaram. Algo que ela esquecera, talvez por vontade... ou trauma.

— "E Heitor?", ela perguntou. "A caixa..."

— "Ele também deixou algo. Não por escolha. Mas porque precisava... sobreviver à ausência."

— "Há mais de nós?"

A resposta veio com um silêncio. Depois, a tela piscou:

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA. AINDA.



Capítulo 4 – Arquivos Fantasma

Mirella passou as horas seguintes imersa no terminal da antiga universidade. A sala circular parecia projetada não apenas para abrigar dados, mas para provocar presenças — como se a arquitetura tivesse sido feita para lembrar que a mente humana, mesmo armazenada, ocupa espaço.

No centro, uma cúpula de vidro rachado pendia sobre o terminal. Dentro dela, cabos encefálicos antigos se misturavam a fibras óticas mais recentes. Um híbrido — como ela. Como aquele lugar.

A tela tremeluzia com nomes: *Mirella.C01, Heitor.ARCHIV, Vácuo.002, Íris.A3...*

Cada um parecia uma porta que levava a fragmentos de pessoas. Ou o que restara delas.

— "Eles tentaram nos preservar antes da partida", explicou a voz — a versão gravada de Mirella, agora mais nítida.

— "Não o corpo. A intenção. O pensamento. As dúvidas. Como se a mente humana pudesse ser fatiada e arquivada como um livro."

Ela selecionou o nome de Heitor. A resposta não veio de imediato.

ACESSO BLOQUEADO. PERMISSÃO NÍVEL 5 NECESSÁRIA.

— "Você tem esse nível?", ela perguntou à voz.

— "Eu sou você, mas não toda. Você sabe o que significa. Parte de você decidiu não lembrar."

— "E se eu quiser agora?"

— "Então terá que recuperar o restante."

Mirella respirou fundo. O sistema ainda funcionava, mas com acesso limitado. A inteligência do terminal — rudimentar, mas reativa — a desafiava. Para acessar as memórias de Heitor, teria que desbloquear seu próprio passado.

Foi até o lado oposto da sala, onde encontrou uma parede coberta de escritos à mão. Não rabiscos, mas anotações científicas, fórmulas, datas, nomes codificados — e entre eles, um trecho sublinhado diversas vezes:

"A solidão é uma falha de reintegração."



Era dela. A caligrafia, inconfundível. Ela havia escrito aquilo. Mas por que não se lembrava?

Aos poucos, as peças começaram a se alinhar: antes da migração, cientistas tentaram simular continuidade de consciência através de múltiplos corpos e suportes. Para "sobreviver" à travessia sem o trauma da separação do planeta, muitos criaram cópias de si mesmos. Algumas subiram. Outras ficaram, escondidas em servidores subterrâneos.

Mirella havia ficado. Mas uma versão dela talvez tenha partido.

A pergunta agora era: quem era a original?

Nesse momento, o terminal piscou com uma nova mensagem:

DETECÇÃO DE ACESSO EXTERNO – PROXIMIDADE 3 KM – ID: DELTA/03

Outro fragmento.

Outro alguém.

E vindo na direção dela.

— “Você não está sozinha, Mirella.”

— “Eles estão vindo para terminar o que você começou. Ou para impedir que você lembre.”

Capítulo 5 – O Visitante de Três Nomes

A notificação no terminal persistia como um pulso cardíaco: **ID DELTA/03 – Aproximação constante – Tempo estimado: 18 minutos.**

Mirella sentiu o peso da escolha. Poderia fugir. Desligar o terminal, selar a sala e apagar os vestígios de sua presença. Mas algo dentro dela — algo profundo e esquecido — queria saber. **Precisava saber.**

Ela deixou o prédio, o sol filtrando-se fraco por uma camada espessa de nuvens, tingindo tudo de um âmbar doente. Do telhado, usou os binóculos térmicos.

Lá estava.

Uma figura solitária, caminhando com passos lentos, mas decididos.



Trajava um exoesqueleto leve, comum entre os que migraram e ocasionalmente retornavam para missões de extração ou busca. Mas isso não era uma missão. Não havia frota. Nenhum drone escolta. Era pessoal.

Mirella desceu e esperou no hall.

Quando a porta automática se abriu, o visitante parou por um momento, como se também reconhecesse algo naquele lugar.

— “Mirella.”

A voz era feminina. Jovem, porém marcada por estática — como se passasse por filtros desnecessários.

— “Você me conhece.”

— “Não tenho certeza”, respondeu Mirella. “Mas imagino que eu devesse.”

A mulher retirou o capacete. Seu rosto era... semelhante. Não idêntico, mas claramente derivado.

— “Sou Delta. Terceira instância de um projeto que você iniciou. Você me dividiu.”

Silêncio.

— “Eu sou... o que você deixou quando decidiu apagar a parte que amava demais.”

O choque tomou Mirella como uma maré súbita. Agora fazia sentido. Delta não era apenas uma réplica — era uma segmentação emocional. Um modelo experimental: separar partes da psique para aliviar a dor. Delta era a memória afetiva. Ela continha tudo o que Mirella havia sentido por Heitor — e escolheu esquecer.

— “Heitor está morto?”, perguntou Mirella.

Delta hesitou.

— “O corpo, sim. Mas o que restou... está aqui.”

Ela tocou o centro do peito, sobre um compartimento embutido no traje.
— “Os fragmentos estão se degradando. Você é a única que pode completar o ciclo.”

— “E o que acontece se eu fizer isso?”

— “Você volta a sentir.”

Elas passaram a noite no centro da antiga universidade. Delta transferiu parte dos dados para o terminal. Heitor estava ali — não como uma mente inteira, mas como um conjunto de respostas, trechos, lembranças sem ordem.

Mirella assistiu a uma gravação.



Heitor falava para uma câmera. Os olhos cansados, o fundo uma das cápsulas de transporte antes da decolagem.

— “Se você está vendo isso... você ficou, não foi?”

Não sei se te culpo. Parte de mim também quis. Mas precisei ir.

Só queria que você soubesse que... eu não te esqueci.

E que... parte de mim está contigo. Sempre estive.

Você só precisa lembrar.”

A tela escureceu.

Delta desligou o terminal.

— “A escolha é sua, Mirella. Reunir os fragmentos... ou seguir dividida.”

— “E se eu recusar?”

— “A degradação continuará. E não sobrarão ninguém para lembrar.”

Mirella observou o céu noturno. As estrelas agora pareciam mais próximas — não por estarem ali, mas porque ela, talvez, estivesse se permitindo olhá-las de novo.

No dia seguinte, tomaria sua decisão.

Talvez aceitasse a reintegração. Talvez não.

Mas sabia, com absoluta certeza, que nunca mais estaria verdadeiramente sozinha.

Capítulo 6 – A Reintegração das Cinzas

No centro da sala circular, Mirella estava sentada diante do terminal, cercada por fragmentos de si mesma — vozes, códigos, memórias. Delta, silenciosa ao seu lado, observava como quem presencia um ritual sagrado, não como participante, mas como oferenda.

O processo de reintegração não era técnico. Ou melhor, não apenas. Era algo próximo do que se fazia antes com luto: **abrir a dor, sentir tudo e aceitar que se vive apesar dela.**

O terminal exibia a mensagem final:

PROCESSO INICIADO: RECONSTRUÇÃO DE CONSCIÊNCIA ORIGINÁRIA

FRAGMENTOS DETECTADOS: 3



- Mirella.C01 (Base cognitiva)
- Delta/03 (Memória afetiva)
- Heitor.ARCHIV (Vínculo externo)

CONFIRMAR REINTEGRAÇÃO?

S / N

Mirella hesitou. Olhou para Delta, que apenas assentiu. Sem palavras.

Ela pressionou “S”.

O mundo pareceu desacelerar.

As luzes da sala pulsaram, acompanhando um ritmo invisível — talvez o da mente que se reconfigurava. O teto refletia imagens alternadas: flashes de sua infância, cenas de conversas com Heitor, pedaços de sonhos que ela nem sabia que lembrava. Tudo sobreposto, tudo exposto.

E então, a dor veio.

Não física. Mas crua, emocional, como se o tempo tivesse sido comprimido e jogado de volta dentro do seu corpo. Ela sentiu o peso da despedida de Heitor. O momento exato em que decidiu não subir. A culpa. O medo. A saudade que ela tinha apagado como se fosse sujeira.

As lágrimas vieram sem aviso. Não porque ela queria chorar, mas porque finalmente podia.

— “Heitor”, sussurrou, mesmo sem saber se ele ainda podia ouvir.

— “Você voltou”, respondeu a voz — não pela gravação, não por Delta. Mas de dentro.

Ele estava nela. Não como antes. Mas como parte da memória integrada. Um eco completo.

Ela olhou para Delta, e por um instante, viu-se refletida com perfeição — uma versão mais sensível, mais exposta, mas que agora não precisava mais existir separadamente.

— “Eu não sou mais necessária”, disse Delta, com um leve sorriso.
— “Você me carregará daqui em diante.”



Delta caminhou até o terminal. Sentou-se no chão. Seus olhos se fecharam, e sua pele perdeu o brilho digital. A estrutura interna desligou-se lentamente, como o fim de uma canção antiga.

E com isso, restou apenas Mirella.

Inteira. Mas não intacta.

Do lado de fora, o céu começava a mudar. Havia algo na atmosfera — uma vibração sutil, como se o planeta, ao sentir que alguém se lembrava, respirasse diferente.

Mirella caminhou pela universidade vazia e, antes de partir, olhou uma última vez para o lugar onde os fragmentos se encontraram. Não havia mais espelhos quebrados. Só uma janela aberta, apontando para o infinito.

Epílogo – O Vazio Preenchido

O vento no topo da colina parecia carregar consigo algo além da brisa. Mirella sentou-se no parapeito da velha estrutura da universidade, observando a paisagem do planeta que, de alguma forma, já não parecia mais o mesmo. O ar ainda era denso, as árvores agora cresciam de forma estranha, híbridas entre o orgânico e o sintético, como se a Terra estivesse se reconfigurando a si mesma, em resposta à presença daqueles que ficaram para trás.

Ela sentia algo novo em seu interior. Uma sensação de totalidade que nunca experimentara antes, mesmo nas épocas em que o mundo ainda parecia ter um propósito claro. Não era uma paz, mas uma reconciliação com a complexidade da vida e da morte, com as escolhas que fez e as que deixou de fazer. Talvez fosse isso a verdadeira reintegração: não a soma das partes, mas a aceitação do que não poderia ser resolvido.

A voz de Heitor estava lá, em sua mente, como um sussurro distante. Ela sabia que não precisava mais buscar as respostas no passado, como se aquilo pudesse reverter algo. Ele estava em seu interior, mas ela também estava em outros agora — nos fragmentos de Delta, na memória das escolhas feitas, na reconstrução do que havia sido perdido.

Mas havia uma incerteza — um vazio que ela não poderia ignorar. Não mais o vazio do abandono, mas o vazio da criação. Algo novo estava tomando forma, algo que ainda não podia ser entendido. E o mais desconcertante: a consciência de que não havia mais resposta certa.

"Eu sou a última janela", ela pensou.

"A única que pode ver o que o mundo não vê mais."

Com um movimento lento, Mirella se levantou. Olhou para o horizonte, onde a linha entre a terra e o céu estava turva. Ao longe, o último dos satélites de comunicação pulsava, como uma pequena estrela perdida, ainda aguardando ser encontrada.



E com um sorriso — leve, quase imperceptível —, ela se afastou, sabendo que, apesar de ter integrado as peças do seu passado, o futuro ainda estava por vir.

Fim.

Walter Veroneze

18.05.2025